

# humanitas

Vol. L - Vol. I


IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

VOL. L • TOMO I  
MCMXCVIII

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA  
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



## ASTA REGIA

FRANCISCO J. VELOZO  
*Academia Portuguesa de História*

Sem pretender embrenhar-nos aqui nas questões referentes à fabulosa Atlântida, a Tartesso e ao périplo de Himilcão que Avieno aproveitou no seu poema *Ora Maritima*, notaremos apenas que a ligação entre elas continua a fascinar muitos espíritos e tem convictos defensores, entre os quais nos contamos<sup>1</sup>.

E para nós é apodictico que se localizava no extremo-sul da Atlântida, segundo os diálogos *Timeu* e *Crítias* de Platão, na parte referente a ela, a zona confiada ao Rei ou Arconte *Gadeirós*, em português Gadiro, lat. *Gadeirus* ou *Gadirus*, por isso designada *Gadéira*, em port. Gadir, como em latim (*Tim.* 25.<sup>a</sup>; *Cr.* 113<sup>e</sup>-114<sup>d</sup>). O facto de o périplo mencionar a urbe e ópido de *Gadir*, precisamente por aí, além das Colunas de Hércules para os navegantes vindos do Mediterrâneo (*Ora Mar.* vv. 80-89; 267-270), evidentemente na actual Andaluzia e embocaduras do Rio Guadalquivir, antes Bétis, e antes Tartesso (225; 284), levou naturalmente os investigadores a aproximarem as duas notícias.

---

<sup>1</sup> Citaremos, de portugueses, F. Martins Sarmiento e seus seguidores. Cfr. os nossos: *Oestrymnis (Atlântida – Campo Elisio)*, Braga, ed. da Associação Luso-Britânica do Minho, 1956, reproduzindo os arts. da rev. “Bracara Augusta”, IV, n.<sup>o</sup> 24 (25), Agosto de 1953; V, n.<sup>o</sup> 1-3 (26-28), Out. 1953-Junho 1954, e n.<sup>o</sup> 4-5 (29-30), Julho-Dez. 1954; VI (n.<sup>o</sup> 6 (31) Jan. 1955-Dez. 1956; e *Atlântida, mito ou realidade? – I. Um ponto de partida: o Egipto antigo*, Braga, 1986, separata da cit. rev., XL, n.<sup>o</sup> 89-90 (102-103), anos 1986-1987; *Idem – II. Geografia e Geologia*, Braga, 1989, sep. da mesma rev., XLI, n.<sup>o</sup> 91-92 (104-105), 1988-1989. Esta publicação interrompida será publ. noutra lugar e doutra forma. Esclarecemos que os dois últimos arts. nada têm que ver com uma publicação intitulada também *Atlântida, mito ou realidade*, publicada pelas Edições Nova Acrópole – Humanismo, Filosofia, Esoterismo, em 1993, com a indicação como autores de Jorge A. Livraga e Fernand Schwarz, e tradutores (sem indicação da língua ou título original nem da respectiva edição) Eduardo Amarante e José Maria Caselas. Vejam-se os A.A., nacionais e estrangeiros, que se ocuparam do tema, especialmente os indicados na nota 7 e em geral os espanhóis.

É certo que ainda há entre os atlantólogos quem imagine a Atlântida uma ilha enorme, situada no meio do Oceano Atlântico, não reparando entretanto que a preposição grega πρό, “pró”, significa tanto “em frente” como “a seguir” ou “para além”<sup>2</sup> e por isso não distancia a Atlântida das Colunas de Hércules assim. Mas a posição de Gadir e Gadir é de aderência ao Continente europeu. E aqui surge outro equívoco, este de Platão, em virtude da ambivalência “península” e “ilha” do termo que aplica, reproduzindo Sólon que recolhera a notícia no Egito (*Tim.* 20<sup>cs</sup>), termo esse que era νῆσος “nésos”; e *insula* em latim tinha inicialmente o mesmo significado; só em épocas mais recentes os Gregos inventaram palavra diferente para “península”, o que os Romanos também fizeram, compondo esta palavra<sup>3</sup>. Daí que refira haver-se afundado toda a Atlântida (25<sup>b-c</sup>), o que só é verdadeiro quanto à ilha e não quanto à península; e que errem quantos lêem em Platão que engolida fôra esta ilha, e não a península de dimensões comparáveis quer à África (Líbia) até ao Egito, quer àquilo que então se chamava Ásia (24<sup>e</sup>). A geologia e a geografia antiga têm nisto uma palavra para dizer, e não podem ser desprezadas, nomeadamente a última, que nos ensina a inexactidão dos que supõem no âmbito do Atlântico, entre a Europa e a América, o afundamento dum continente; e esquecem que na orla dos continentes muitas ilhas desapareceram no mar<sup>4</sup>.

Posto isto, encaremos o problema que nos propusemos.

Diz-nos o *Critias* (*Cr.* 117<sup>e</sup>, 118<sup>e</sup>) que o Reino de Gadir, a que chama Atlântida também, tinha uma capital ἄστυ “ásty” em grego, que era (119<sup>b</sup>) a cidade (ou cividade) real, ou régia, em grego βασιλικὴ πόλις “basilikḗ pólis”. Ora esta expressão conduz-nos sem esforço a outra, que seria βασιλικὸν ἄστυ “basilikón ásty”, ou seja, urbe ou cidade régia.

O leitor já depreendeu que aproximamos tal designação da duma cidade bem conhecida na antiguidade romana ASTA REGIA. E não vemos que outra etimologia possa ter a cidade dos Romanos, ou melhor, o topónimo indicado, visto que *asta* em latim não existe.

<sup>2</sup> Cfr. o nosso *Oestrymnis*, cit., p. 16, nota 8, e os dicionários.

<sup>3</sup> Cfr. o nosso *Atlântida, mito ou realidade? (II)*, cit., n.º 5 ss, pp. 483, e *passim*, e fontes e A.A. aí cit. Foi Martins Sarmento quem frisou a ambivalência das notícias antigas relativas a “ilhas”, como as da Bíblia (*Ora Marítima. Estudo deste poema na parte respectiva às costas ocidentais da Europa*, 2.ª ed. Porto, 1896, p. 6), dizendo: ‘Sabe-se que os Fenícios, do mesmo modo que os Hebreus, intimamente aparentados com eles pela raça e pela língua, tinham uma mesma palavra para designar as ilhas, as penínsulas, as costas marítimas e mesmo uma região em geral’. Aqui restringimo-nos ao grego e ao latim.

<sup>4</sup> Cfr. o nosso *Atlântida: mito ou realidade? (II)*, loc. cit.

O problema da localização da cidade da Bética põe-se imediatamente em relação com a hipótese formulada. Sendo capital da ilha que soçobrou, como existiria depois? O problema é geológico, mas não podemos deixar de aventar outra hipótese, lembrando exemplos históricos, como a transferência espontânea da população de *Conimbriga* (actual Condeixa-a-Velha), destruída pelos Suevos, para *Aeminium*, lugar mais seguro (actual Coimbra), na Lusitânia, levando consigo o próprio nome da terra donde vinham, que se sobrepôs ao nome local. Da mesma forma, poderiam os sobreviventes do *Basilikón Ásty* durante o cataclismo refugiar-se no ponto onde estava, ou fundaram então, outra cidade, levando consigo o nome da terra de origem, que daria a romana ASTA REGIA.

Esta probabilidade e identificação dos dois centros populacionais, se não se trata dum só, parece prejudicar a tese de ser Tartesso a capital do Reino em causa, que passou a denominar-se também por esta forma; e ainda a identificação dela com Asta Régia. Mas nada impede que os referidos dois nomes fossem dados ao mesmo local, especialmente por estrangeiros, por aí residir o Rei de Gadir-Tartesso.

O emprego do termo ἄστυ “ásty” no *Critias*, sem mais identificação e sem indicar que se tratava de tradução do nome indígena para grego, — como quanto aos demais da Atlântida, por Sólon, que os recolheu no Egipto (*Cr.* 113<sup>a</sup>-114<sup>c</sup>), na visita que fez aos Sacerdotes de Sais, no Nilo (*Tim.* 20<sup>e</sup>-21<sup>e</sup>), — leva-nos a crer que ele corresponde ao da língua dos habitantes. Sendo assim, atrevemo-nos a procurar no berbere, língua afim<sup>5</sup>, alguma luz. A raiz STW, berbere, e designadamente *astew*: *astu-astew*, etc. “cingir-se” e *astaw(u)*, “tudo o que serve para cingir-se”, convém admiravelmente para explicar o nome duma cidade-templo, que era também uma capital e um empório, cingida por vários anéis de canais e de aterros (*Cr.* 115<sup>ess</sup>), numa palavra: um “recinto”<sup>6</sup>.

Fica-nos pois a palavra *Tartessus*, em gr. Ταρτησσός (“Tartéssós”) ou a forma mais antiga Ταρτηττός (“Tartéttós”). Nesta última, achamos o artigo da língua nativa, a que chamamos estrímnica, *Ta*, feminino (cfr. o berbere) + *Art*, substantivo feminino portanto, e enfim a desinência característica ainda do feminino em berbere “T”, aqui por eufonia e *T<sup>f</sup>*. A palavra *art*, “pedra” (e “casa”)

<sup>5-6</sup> Cfr. *Oestrymnis*, cit., *passim* e especialmente p. 23 (II). Note-se, como aí frisámos, o paralelo BeR-BeR (com a característica reduplicação) e I (art. plural estrímnico-berbere) e BeR (*Iberi*). V. Miloud Taifi, *Dictionnaire tamazight-français (Parlers du Maroc central)*, Paris, 1991, s.v. (p. 660).

<sup>7</sup> *Op. cit.*, p. 41 ss (II), por ex., e *passim*. Sobre a língua estrímnica, além da obra mencionada,

em irlandês, e *thart*, advérbio e preposição, “á volta de”<sup>8</sup>, podem inspirar os filólogos neste particular. Por nós, preferimos aquela primeira forma, que nos dá a natureza pedregosa da língua de terra onde ficava Gadir – Gades – Cádiz. Avieno diz que *Gadir* em púnico significava *consaeptum locum* (vv. 263-264), “lugar fechado”, e chama-lhe ópido (v. 263) e antes urbe (v. 85): era apenas coincidência linguística, como há tantas. Não se estranhe recorrermos ao irlandês, suposto céltico, pois abraçamos a opinião original de Martins Sarmiento, de que essencialmente o não é; é, sim, remanescente da velha língua estrímica<sup>9</sup>.

À entrada da chamada Atlântida, do Reino de Gadiro, que muito a chamassem assim os Fenícios, ao chegarem ali, vindos de leste?

pode-se ler Jesus Ferro Couselo, *O deus Bandua da Veiga*, a págs. 111 ss, no vol. de *Homaxe a Florentino L.A. Cuevillas* (no LX aniversário do seu nascimento), Vigo, ed. Galaxia, 1957. Novos aspectos linguísticos em: Velozo, *Filologia e História*, I, Braga, Livraria Cruz, 1982, n.º 1, p. 1 ss; *Idem*, II, Guimarães, 1983, n.º 9, p. 3; *Idem*, III, Guimarães, 1984, n.º 13, pp. 3 ss; *Idem*, IV, Guimarães, 1986, n.º 15, pp. 3 ss; n.º 16, pp. 8 ss; n.º 21, a), b), pp. 22 ss; *idem*, V, 1989, Guimarães – todas sep. do “Boletim de Trabalhos Históricos” dessas datas (vols. XXXIV a XXXVII, desse órgão do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta de Guimarães), cuja publicação interrompida, formando série, se fará noutra lugar, reunindo artigos dispersos. Acrescentaremos que a nossa investigação respectiva a *Oestrymnis* teve o aplauso dos falecidos A. Garcia y Bellido, Fermín Bouza-Brey, Florentino López Cuevillas, Mendes Correia, Mário Cardozo, etc. Apesar de método simples e frutuoso, a nosso ver, não tem sido seguido geralmente. Discordando da nossa solução quanto a “Cale”, usou-o, porém, António de Sousa Machado, *As origens da cidade do Porto. O problema de Portucale*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1956. E usou-o, com concordância, Jesus Ferro Couselo, *op. cit.*

V. nota 5-6, supra. Alteramos por conseguinte o vocabulário de pp. 147-148 (neste ponto) de *Oestrymnis*.

<sup>8</sup> Cfr. Edward O’Reilly, *An Irish-English Dictionary*, 2.ª ed., Dublin, 1877, s.v.; e Niall O’Dónaill & Tomás de Bhaldraithe, *Gearrphoclóir Gaeilge-Béarla* (Breve Dicionário Irlandês-Inglês), Dublin, 1981, s.v.

<sup>9</sup> Cfr. os nossos estudos cit., especialmente *Filologia e História* (V), onde seguimos a doutrina de Martins Sarmiento nesta questão do nosso idioma primitivo, designadamente em seus ensaios *Os Lusitanos. Questões de Etnologia*, publicado em 1880 e incluído no vol. póstumo *Dispersos. Colectânea de artigos publicados desde 1876 e 1899 sobre Arqueologia, Etnologia, Mitologia e Arte Pré-Histórica*, Coimbra, 1933, pp. 41-60. V. também do mesmo F. Martins Sarmiento, *Ora Marítima*, cit., pp. 98 ss., com a reserva da sua tese da origem ligúrica dos Lusitanos, que se acha ultrapassada, não obstante as afinidades.